



A PRODUÇÃO DE VÍDEOS AUTOINSTRUTIVOS EM LIBRAS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Tuane Telles Rodrigues
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
tuanytel@hotmail.com

Resumo

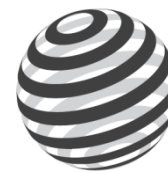
Os vídeos autoinstrutivos visam contribuir efetivamente com o ensino a distância, constituindo-se como uma estratégia conveniente na explicação dos conteúdos geográficos. Nesse sentido, este artigo busca apresentar a produção de vídeos autoinstrutivos voltados ao ensino de Geografia sob a perspectiva inclusiva, por tratar-se de atividades e explicações sobre conteúdos geográficos em Língua Brasileira de Sinais. A metodologia utilizada foi estruturada em quatro fases: na primeira, realizamos a delimitação dos conteúdos que seriam trabalhados nos vídeos; na segunda, gravamos o material (com o auxílio de um professor surdo com domínio em Libras); na terceira, realizamos a pós-produção (edição) do material audiovisual para que pudéssemos remover eventuais erros de gravação, ruídos externos e baixa qualidade das imagens; na quarta, apresentamos os vídeos para os alunos. Como resultado, concluímos a produção de quinze vídeos que foram disponibilizados em um site voltado à divulgação de materiais didáticos que auxiliem na inclusão e no ensino de Geografia.

Palavras-chave: Vídeos Autoinstrutivos. Libras. Educação a Distância.

Abstract

Self-instructional videos aim to contribute effectively to distance learning, constituting in a convenient way a strategy of explanation of contents. In this sense, this article seeks to present the production of self-instructional videos geographically teaching from an inclusive perspective, since they are activities and explanations about geographic contents in Brazilian sign language. The methodology used was structured in four phases: in the first one, we delimited the content that would be worked on in the videos; in the second, we recorded the material (with the aid of a deaf teacher with mastery in Pounds); in the third, we performed the post-production (editing) of audiovisual material so that we could remove any recording errors, external noises and poor quality of the images; on the fourth we present the videos to the students. As a result, we completed the production of fifteen videos that were made available on a website aimed at the dissemination of teaching materials that help in the inclusion and teaching of Geography.

Keywords: self-instructional videos. pounds. distance learning.



Introdução

Ao longo da história da educação no Brasil, presenciamos o surgimento de variados conceitos teóricos, estratégias metodológicas, concepções, tendências e paradigmas com o propósito de construir (ou reconstruir) novas identidades no ensino do país, objetivando sempre a formação do sujeito para a plena vida em sociedade, reconhecendo seus direitos e obrigações como cidadão. Nesse sentido, o ensino vivencia constantemente grandes renovações pedagógicas que prezem além do ensino, a autonomia, a criatividade, a criticidade e a cidadania.

Cada vez mais em evidência, a educação a distância tem buscado, através de sua instrumentalização, proporcionar um ensino de qualidade a seus alunos, oferecendo recursos que possibilitem o acesso às informações (conteúdos) e, ao mesmo tempo, estabelecendo uma relação dialógica com os sujeitos. Para isso, a criação e adaptação de ferramentas apresentadas nas plataformas de ensino buscam integrar metodologias pedagógicas que utilizem recursos convergentes às políticas e propostas de democratização da educação, a exemplo da inclusão escolar.

Na modalidade de ensino a distância, torna-se necessária, por vezes, a criação e adaptação de recursos educacionais que possibilitem a acessibilidade, diversificando estratégias e adaptando linguagens em busca da dialogicidade com os alunos. Nesse sentido, a utilização de vídeos autoinstrutivos tende a facilitar o acesso e a compreensão dos conteúdos importantes para o pensamento geográfico, sendo potencialmente relevantes na modernização das práticas de ensino, sem perda ou deformação de conceitos fundamentais para o aprendizado da ciência geográfica, os vídeos apresentam a possibilidade de dialogar com os alunos surdos, de apresentar outras formas de articular e utilizar sinais que representam os conteúdos pertinentes à apreciação dos alunos, sem desconsiderar a utilização conjunta de outros recursos.

Este artigo apresenta uma nova perspectiva relacionada a produção de vídeos elaborados como estratégia de aprendizagem de um jogo digital¹, que ao final proporcionam amplas aplicações em diferentes estratégias de ensino, a exemplo da sua capacidade autoinstrutiva na educação a distância. Tal pesquisa foi realizada em uma escola de educação especial do município de Santa Maria/RS, chamada Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser, onde pudemos conhecer a realidade escolar dos alunos surdos e deficientes auditivos, bem como os conteúdos de Geografia trabalhados com turmas de sexto e sétimo ano do Ensino Fundamental, além de buscar compreender o uso da Língua Brasileira de Sinais pela comunidade surda, atendendo assim, ao objetivo central desta pesquisa: a produção de vídeos autoinstrutivos voltados ao ensino de Geografia sob a perspectiva inclusiva no uso de Libras.

Esperamos que este artigo inspire reflexões e iniciativas para confecção de vídeos autoinstrutivos também em outras áreas do conhecimento. Ele tem como foco os aspectos inclusivos envolvidos na construção e utilização dos vídeos, mostrando que para a criação de materiais autoinstrutivos é necessária organização, inspiração e interesse do pesquisador. Acreditamos que o uso de vídeos, para a modalidade de educação a distância, tende a evidenciar também a importância da mediação dos educadores no processo de aprendizagem, entre outros aspectos, no manuseio das plataformas digitais educacionais.

¹ O jogo digital em questão chama-se “CartoCon: Nossa Expedição Geográfica”, voltado para a alfabetização cartográfica de alunos surdos e deficientes auditivos. Ele retrata como cenário o município gaúcho de Santa Maria, e proporciona ao aluno percorrer o centro do município com o objetivo de coletar fragmentos de um globo dourado e realizar atividades apresentadas em Libras.

EAD e suas abordagens didáticas

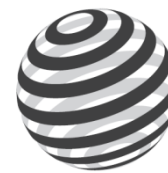
Relacionada à 3ª geração da educação a distância, a abordagem multimídia, segundo Tafner *et. al.* (2010), foi incorporada aos processos de ensino à medida que se desenvolvia. Existem contatos presenciais, mas os tutores são vistos como apoio para o ensino predominantemente via mídias. Os sistemas da terceira geração contam com toda uma gama de tecnologias, como texto, áudio e vídeo. Contudo, apesar desses recursos serem utilizados como meio de apoio ao material impresso, no que se refere ao atendimento de alunos surdos, tornam-se prioritários, uma vez que muitos alunos não dominam a Língua Portuguesa, ou ainda a escrita em *SignWriting*. Nesse sentido, é válido considerar a questão levantada por Rodrigues *et. al.* (2018), de que a Língua Brasileira de Sinais utilizada em sala de aula para transmitir conhecimentos formais das ciências não é padronizada, ou seja, cada professor tende a abordar os mesmos conteúdos utilizando sinais diferentes, muitas vezes improvisados. Assim, o uso de vídeos como ferramenta para a transmissão de conteúdos são, sobretudo, uma forma de explicação sobre os sinais utilizados naquele conteúdo específico.

Quando falamos em EAD, precisamos considerar as relações entre os professores e os alunos, o que, segundo Fiorentini (2003, p. 15), ocorre graças a uma “síntese dialética entre a linguagem do educador e a linguagem do educando, como momentos de um processo educativo, num contexto socioculturalmente dado”, em que a compreensão requer considerar a natureza intersubjetiva da aprendizagem, a participação ativa e a influência decorrente da competência comunicativa dos participantes. Os materiais utilizados na EAD são, segundo Gutierrez e Prieto (1994, p. 62)

“[...] pedagogicamente diferentes dos materiais utilizados na educação de presença (professor-aluno) e, naturalmente, muito mais diferentes dos documentos científicos. A diferença passa inicialmente pelo tratamento dos conteúdos que estão a serviço do ato educativo. De outra forma: o temático será válido na medida em que contribua para desencadear um processo educativo. Não interessa uma informação em si mesma, mas uma informação mediada pedagogicamente.”

Nesse sentido, aos professores a quem compete a tarefa de planejamento dos recursos didáticos desenvolvidos para o atendimento na educação a distância, Kenski (2003, p. 27) diz que “os desafios da concepção de cursos à distância e seus materiais didáticos são complexos e não podem ser minimizados. As bases conceituais norteadoras das propostas são determinantes de sua qualidade e podem favorecer avanços na construção de conhecimento pelos alunos cursistas”. Ele destaca que esse trabalho não deve se limitar a um simples repasse de informações sistematizadas existentes na sociedade. Os materiais precisam ter caráter contributivo na formação das pessoas, “a despeito das distâncias geográficas, das dificuldades de afastamento dos locais de trabalho por longos períodos para frequentar cursos”. É necessário “atender a demandas sociais emergentes” (Id. *Ibid.*), por intermédio de programas de atualização, capacitações, formação inicial e continuada de profissionais, realização de fóruns de debate sobre práticas pedagógicas para docentes.

Entende-se por materiais autoinstrutivos os que, segundo Belloni (1999, p. 64), são “conteúdos didáticos, previamente selecionados e elaborados, de modo a construir mensagens que potencializem ao máximo as virtudes comunicacionais do meio técnico escolhido no sentido de compor um documento autossuficiente” que possibilite ao estudante realizar sua aprendizagem de modo autônomo e independente.



Para Tafner *et. al.* (2010, p. 63), sobre a edificação de materiais que façam uso da linguagem visual, como os vídeos: “algo que tem de ser ratificado constantemente em nossa prática com a EAD é que a melhor forma de aprendermos a planejar e produzir materiais didáticos é ‘colocando a mão na massa’. É assim que percebemos que o processo não é tão complicado”. Os autores complementam, ainda, dizendo que “passamos a entender que a qualidade e eficácia dos bons materiais estão na criatividade e diversidade que podem ser alcançadas ao irmos além dos modelos e padrões pré-estabelecidos” (Id. Ibid.). Diante disso, além do uso de manuais, é preciso também transcender e ousar com novas propostas, estratégias e metodologias.

A construção de ferramentas pedagógicas requer, muitas vezes, a colaboração de outros pesquisadores, a união de conhecimentos e didáticas, com o objetivo de que tal recurso se torne interdisciplinar e acessível a todos. Sobre esta necessidade colaborativa, Moreira (2009, p. 370) assinala que o lócus do processo de ensino e aprendizagem em diferentes ambientes digitais “a EAD é praticada por uma equipe de atores envolvidos em sua concepção, em seu planejamento, em sua implementação, em seu processo de mediação pedagógica, nos mecanismos de avaliação adotados e nas inter-relações dos mais diversos papéis”.

Cavalcanti (2005) diz que é relevante para os professores de Geografia enfrentar o desafio de considerar, entre outras coisas, a “cultura geográfica” dos alunos, e que os alunos constroem conhecimentos geográficos na prática cotidiana. Segundo ela, “é preciso considerar esses conhecimentos e a experiência cotidiana dos alunos, suas representações, para serem confrontados, discutidos e ampliados com o saber geográfico mais sistematizado (que é a cultura escolar)” (Ibid. p. 68). Nas palavras de Kaercher (2014, p.8): “cremos que a Geografia, através de seus conteúdos escolares, pode aumentar a sensibilidade dos alunos para o respeito - e até a admiração - às diferenças, sejam elas quais forem: gênero, etnia, religião, classe social, opção sexual, cultura”.

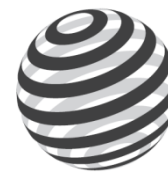
Vídeos autoinstrutivos e o fator emancipador

A emancipação dos sujeitos surdos ultrapassa a questão linguística, comunicativa e social, ela aborda hoje a questão do acesso à informação por meio da tecnologia. Buscamos aqui abrir espaço para discussões quanto às possibilidades do meio tecnológico e informacional como recurso emancipador dos alunos, pois é possível encontrar uma grande variedade de ferramentas que possibilitam o contato dos alunos com conteúdo de diversas áreas do conhecimento, além de favorecerem a inclusão digital.

O Ministério da Educação (2007, p. 15-16) esclarece que os materiais didáticos devem “dispor de esquemas alternativos para atendimento de estudantes com deficiência”. Determina-se, assim, que ao propormos qualquer ferramenta de ensino e aprendizagem, seja para o ensino presencial ou para a educação a distância em qualquer nível, deve-se observar, e adaptar a linguagem utilizada ou o método de uso (manuseio), que além de fornecer as informações conteudistas ou a solicitação clara de uma determinada atividade, deve inserir os alunos com deficiência na rede digital, preparando-os e os emancipando para que saibam lidar com outros domínios ou plataformas na *internet*.

Com o advento da *World Wide Web*², em 1989, o mundo sofreu profundas e significativas transformações que atingem as formas das relações de produção de bens

² Rede mundial de computadores, também conhecida como “www” é uma grande base de dados de hipertexto (*links*) entrelaçados. Criada por Tim Berners-Lee em 12 de março de 1989.



tecnológicos, de conteúdos midiáticos e, também, das próprias relações sociais. Desde esse período, embora houvesse grandes manifestações sobre a necessidade do fator inclusivo, parte da população que possui deficiências físicas ou cognitivas ainda tem buscado seu reconhecimento e iniciativas que facilitem a comunicação e o acesso às informações. Hoje, no século XXI, são buscadas soluções efetivas que viabilizem o contato das pessoas com os recursos digitais, principalmente nas escolas onde se discute avidamente as possibilidades e as formas de incluir o aluno com deficiência.

Nesse sentido, a modernização dos recursos didáticos e os ambientes digitais abrem a possibilidade de contato dos alunos, muitas vezes limitados às suas residências e aos restritos contextos escolares, com as tecnologias, das mais simples, como a escrita textual, às mais complexas, como navegar em uma plataforma de ensino. Isso se torna possível com a mediação correta realizada pela inclusão e a adaptação desses ambientes às necessidades de seus usuários.

No caso dos vídeos autoinstrutivos, percebemos que a capacidade de inserção dos alunos surdos em meio a esse espaço é possível com a devida adaptação dos conteúdos para a Língua Brasileira de Sinais. Com isso, criam-se possibilidades para a tradução de outros conteúdos próprios ao ensino de Geografia, além de introduzir o manejo de recursos informacionais e permitir aos discentes que se apropriem de conhecimentos geográficos e compreendam as relações sociais constituídas no espaço. Tudo isso é importante para a estruturação de uma sociedade plural e que busca o despertar de um senso crítico sobre as relações humanas e sobre o impacto humano no ambiente natural.

Produzindo vídeos autoinstrutivos

Para a elaboração de materiais didáticos voltados aos cursos a distância, é necessário fazer um planejamento e uma produção específica, isto é, com características pedagógicas, estruturais e linguísticas atentas aos alunos em suas especificidades religiosas, de idade, de classe social, e principalmente, de recursos tecnológicos disponíveis.

Estruturada em quatro fases, a metodologia teve início com a delimitação dos conteúdos que seriam e foram apresentados nos vídeos. São eles: conceito de escala (gráfica e numérica), título dos mapas, legenda e convenções cartográficas, projeções, orientação e coordenadas (geográficas e UTM). Após a delimitação dos conteúdos, buscamos construir questões curtas para que o expectador (o aluno) não se sentisse desmotivado pelo tamanho da atividade e para que a tradução nos vídeos não fosse demasiadamente cansativa, tanto para o Prof. Dr. Wilson de Oliveira Miranda³, que protagonizou os vídeos, quanto na pós-produção do material que compreendeu a segunda fase. Assim sendo, como resultado desta primeira fase, distribuímos os temas apresentados na metodologia entre as quinze questões. As questões são objetivas, e algumas de múltipla escolha - em que se faz necessário o uso de materiais complementares, como mapas, imagens ou gifs, escolhidos pelo professor.

- 1- Em qual continente se localiza o Brasil?
- 2- Em qual hemisfério está o Rio Grande do Sul?
- 3- Quais os nomes dos principais paralelos que delimitam as zonas climáticas da Terra?

³ Agradeço ao Prof. Dr. Wilson de Oliveira Miranda (UFSM) e seu irmão, Jeferson de Oliveira Miranda (diretor da escola Cóser), por protagonizarem os vídeos em Libras.

- 4- No mapa a seguir, indique:
região Norte, região Nordeste e região Sul.
- 5- Observe o mapa político e indique:
 - a) Um estado a leste de Goiás.
 - b) Um estado a norte do Rio Grande do Sul.
 - c) Um estado a oeste de Mato Grosso.
- 6- Marque a seguir dois instrumentos utilizados para orientação.
- 7- No passado, antes da invenção dos instrumentos de orientação, o homem utilizava elementos da natureza para saber as direções, marque a seguir dois destes instrumentos.
- 8- O que a rosa dos ventos mostra?
- 9- Na rosa dos ventos, marque:
 - a) o Sudoeste
 - b) o Sudeste
 - c) o Leste
- 10- Pare a rosa dos ventos quando os pontos estiverem nas posições corretas.
- 11- Se você estiver de frente para o Polo Norte da Terra e seu braço direito apontado para a direção leste, onde nasce o Sol. Em qual direção estará seu outro braço?
- 12- Os meridianos são linhas imaginárias que cortam a Terra de norte a sul, qual o nome do meridiano principal da Terra?
- 13- Os meridianos representam as longitudes, de 0 a 180 graus leste e de 0 a 180 graus oeste. Observe o mapa abaixo e diga entre que meridianos o Rio Grande do Sul se encontra.
- 14- Os paralelos são linhas imaginárias que representam as latitudes, de 0 a 90 graus sul e de 0 a 90 graus norte, dividindo a Terra em hemisférios norte e sul. Qual o nome do paralelo principal da Terra?
- 15- Aqui temos o mapa das zonas térmicas da Terra. Indique a zona intertropical.

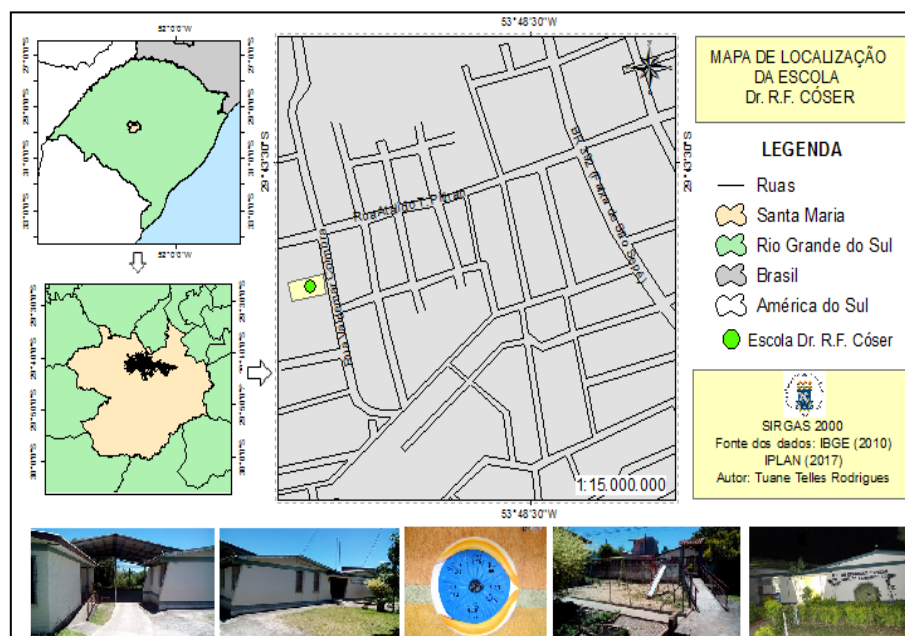


Figura 1- Mapa de localização da Escola
Fonte: elaboração própria

A segunda fase da pesquisa foi a gravação dos vídeos. Para isso, contamos com uma sala apropriada para a realização das atividades, disponibilizada pela escola Côser (mapa de localização da figura 1), onde havia um plano de fundo azul para gravações, boa iluminação natural e, principalmente, uma câmera de alta resolução.

Contudo, a infraestrutura não foi o único fator relevante para o êxito das gravações, pois outras questões técnicas, como o enquadramento das imagens de forma que o interlocutor possa compreender o espaço ideal para a realização dos sinais, influíram no resultado. Para tanto, seguimos o modelo orientado por Quadros (1997, p. 49), apresentado na figura 2.

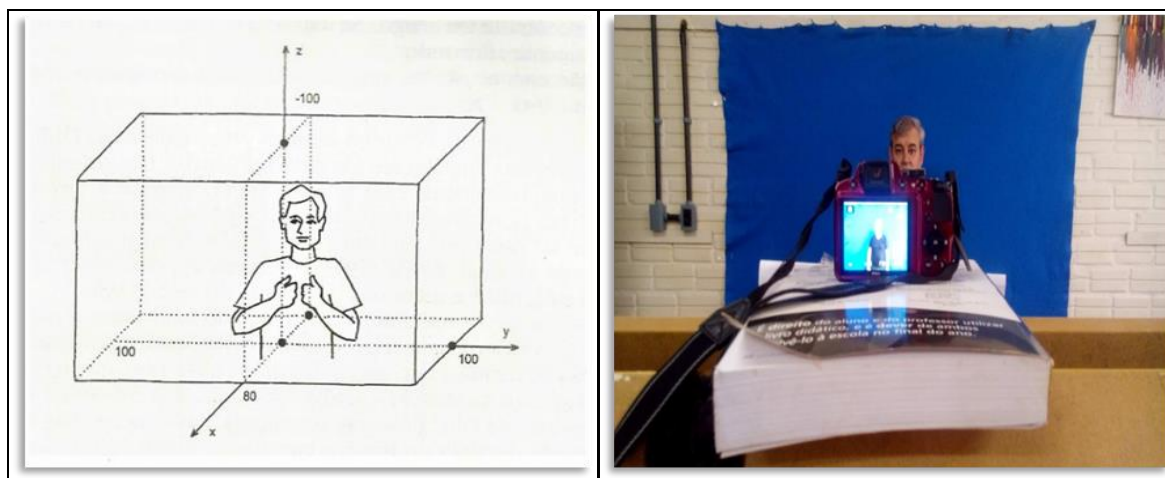


Figura 2 - Espaço de sinalização e enquadramento da câmera durante a gravação
Fonte: Quadros, R. M. (1997, p. 49), adaptado pelos autores.

Nesta fase, como resultados, realizamos a gravação de quinze vídeos que corresponderam às quinze atividades que envolvem temas cartográficos, fundamentalmente relevantes para o ensino de Geografia. A figura 3 mostra os vídeos publicados no site.

Na terceira fase realizamos a pós-produção (edição) e fizemos uso do *software Movavi Suit* (2017), na versão educacional. As edições consistiram na remoção de ruídos externos, como barulhos de carros, pássaros, diálogos paralelos entre professores, motocicletas, ventilador, entre outros; no ajuste de enquadramento de imagens que porventura ficaram desniveladas graças a movimentação do livro que utilizamos para apoiar a câmera; ajuste de brilho e cor, para destacar os movimentos do intérprete em relação ao plano de fundo; recorte de momentos ociosos, pois durante as gravações foram necessários alguns ajustes entre nós e pausas para a leitura das atividades que estavam coladas logo abaixo da câmera digital. Como resultados da pós-produção, obtivemos vídeos menores e mais coesos, que facilitaram e objetivaram mais os conteúdos geográficos, mesmo com a necessidade de materiais complementares em algumas atividades. O uso do *software Movavi Suit* (2017) foi satisfatório.

Na quarta fase, apresentamos aos alunos de sexto (5 alunos) e sétimo (9 alunos) anos do Ensino Fundamental as quinze atividades para que pudessem avaliar a qualidade do material e os conteúdos transmitidos por eles. Após isso, disponibilizamos as atividades

no site “CartoCurioso: O site da Cartografia Escolar”⁴ para que possam ser acessados e utilizados de forma livre pelos professores e discentes como um recurso educacional aberto. Na quinta e última fase, realizamos a publicação do material.

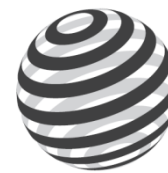


Figura 3 - Vídeos das atividades em Libras
Fonte: acervo do autor

Os componentes metodológicos possibilitaram o planejamento, a criação e a avaliação dos vídeos autoinstrutivos para o ensino de Geografia, voltado aos alunos surdos, mas não exclusivamente a eles, podendo também ser utilizados por outros alunos que queiram aprender um pouco da linguagem de Libras ou ainda por outros pesquisadores que queiram conhecer aspectos envolvidos na gravação dos vídeos e criação de conteúdo, assim como verificar a eficácia da estratégia de tradução de alguns conteúdos.

Por fim, o resultado da quarta fase, que correspondeu à avaliação feita pelos alunos, mostrou que o uso de vídeos autoinstrutivos possibilitou um bom entendimento dos conteúdos. Parte disso se deve ao uso correto da Libras, que além de adequada à comunicação da comunidade surda, contribuiu para outros efeitos inclusivos, como o sentimento de “ser reconhecido” na construção da ferramenta (segundo a expressão empregada por alguns alunos). Os alunos disseram conseguir compreender os conteúdos, mesmo que os vídeos sejam apenas de explicação teórica e atividade. Contudo, deixaram clara a necessidade da exibição de imagens com os vídeos durante o transcorrer da atividade. Esclarecemos que os recursos adicionais serão atribuídos por cada professor durante as aulas, dando-lhes liberdade para optar por imagens que julgarem mais adequadas e atendendo as demandas de cada turma.

⁴ Disponível em: <https://tuanytel.wixsite/cartografiaescolar>



A publicação do material ocorreu em um site não institucional, mas que assegura a liberdade para utilização dos vídeos e demais materiais de apoio pedagógico para o ensino de Geografia, tanto nos moldes inclusivos quanto sem adaptação. Sugestões de melhorias também estão disponíveis no site, e são bem-vindas para que possamos dialogar e aperfeiçoar ainda mais os recursos.

Considerações Finais

Ao analisarmos conjuntamente os resultados obtidos nas quatro fases desta pesquisa, percebemos que a realização de vídeos autointutivos em Libras, para o ensino de Geografia, além de viável, também possibilita o alcance maior de alguns conteúdos pelos alunos. A experiência na criação dos vídeos foi enriquecedora, possibilitando ver o mundo sob outras perspectivas gerando reflexões para além daquilo que conhecemos como professores. Mostrando que a “realidade” é um conjunto de diversas outras “realidades” que devem ser reconhecidas e consideradas pelo professor e pela sociedade, em um ato de evolução do pensamento e do modelo educacional que conhecemos.

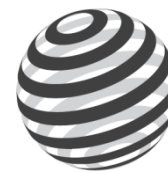
Esta pesquisa não se encerra por aqui. Ela possibilita o estudo do ensino de Geografia sob outras perspectivas e aponta caminhos que podem ser apreciados na discussão sobre o ensino e aprendizagem contemporâneo, inclusivo e informacional. Ela pode ser utilizada na discussão sobre o papel das pesquisas no processo de inclusão social, podendo também ser de interesse àqueles que buscam estudar como as tecnologias têm sido utilizadas na educação, fomentando a discussão sobre a necessidade de investimentos intelectuais, estruturais, técnicos e financeiros para o surgimento de estudos sobre o tema.

A pesquisa mostrou também a importância em desmistificar os membros da comunidade surda, não apenas de Santa Maria/RS, mas também do território nacional, desconstruindo uma ideia de limitações no aprendizado e na socialização causadas pela surdez ou deficiência auditiva que possuem. Com isso, ampliamos nossas perspectivas e expectativas sobre um ensino que vem se transformando juntamente com as políticas de inclusão e permanência de pessoas com deficiência nos espaços educacionais em diferentes níveis de ensino.

No âmbito da educação a distância, percebemos que com o devido investimento público é possível a modernização metodológica neste campo. É necessário, para tanto, o reconhecimento da importância das pesquisas realizadas em instituições de ensino públicas e privadas, rompendo barreiras políticas, e visando o interesse da população, que é constituída de agentes em diferentes condições econômicas, locais e sociais.

Referências Bibliográficas

- BELLONI, M. L. **Educação a distância**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Referenciais de qualidade para educação superior a distância**. Brasília, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refeed1.pdf>>. Acesso em: 15 de abril de 2019.
- CAVALCANTI, L de S. **Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos**: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de Geografia. Caderno CEDES: Campinas v.25 n. 66, maio-agosto 2005. Disponível em: <www.sedes.unicamp.br>. Acesso em: 3 abril 2018.



FIORENTINI, Leda Maria Rangearo. A perspectiva dialógica nos textos educativos escritos. In: FIORENTINI, Rangearo; MORAES, Raquel de Almeida (Orgs.). **Linguagens e identidade na educação a distância**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 15 – 50.

GUTIERREZ, F.; PRIETO, D. **A mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

KAERCHER, N. Se a Geografia Escolar é um Pastel de Vento o Gato Comeu a Geografia Crítica. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 3.ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

MOREIRA, M. da G.. A composição e o funcionamento da equipe de produção. In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (Org.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 370-378.

QUADROS, R. M. de. **Educação de Surdos: A Aquisição da Linguagem**. São Paulo: Artes Médicas Sul Ltda. 1997.

RODRIGUES, T. T.; KEPPEL, M. F.; MIRANDA, W. de O. **A Língua Brasileira de Sinais e os Desafios no Ensino de Geografia**. Revista *Geographia Meridionalis*. Pelotas: UFPel, 2018.

TAFNER, E. P.; TOMELIN, J. F.; HACK, J. R.; SIEGEL, N. **Produção de Materiais Autoinstrutivos para a Educação a Distância**. Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2010.